

O NEGRISMO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE REPRESENTAÇÃO AFRICANA

Vívian Stefanne Soares Silva (CEFET-MG) ¹

Resumo: Este trabalho visa discutir a configuração da literatura negrista no campo literário, relacionando-o ao campo de produção científica, com enfoque na literatura infantojuvenil de representação negra. Partindo dos constructos de Pierre Bourdieu (1997) sobre a noção de campo e todas as implicações que advém desse conceito, discorreremos sobre o negrismo, em suas perspectivas e obstáculos, perpassando concepções como o cânone literário, o discurso de minorias e a importância da literatura infantojuvenil.

Palavras-chave: Campo literário; Campo científico; Negrismo; Literatura infantojuvenil.

Desde sua criação, por volta do século XVIII, até os dias de hoje, a literatura infantil passou por muitas transformações (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007). Certamente, a mais pertinente delas foi a conversão de seu caráter inicialmente pedagógico e moralizante em uma vasta área de experimentação artística e literária. Esse campo multifacetado abriu espaço para diversas manifestações, dos mais variados gêneros às mais variadas temáticas. A representação da cultura africana e afro-brasileira não foi uma exceção, especialmente após a promulgação da Lei 10.639/2003², que versa sobre a inclusão do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na grade curricular do ensino fundamental e médio no Brasil.

Esse movimento culminou não só na ascensão da literatura afrodescendente, movimento estritamente necessário para promover um campo literário multifacetado e

¹ Graduada em Letras (CEFET-MG), Mestranda em Estudos de Linguagens (CEFET-MG). Contato: vivianstefanne@gmail.com.

² <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-publicacaooriginal-1-pl.html>

sujeito às representações de minorias, como também no crescimento de uma literatura negrista. O negrismo, cunho utilizado por Luiz Henrique Silva de Oliveira, em sua obra *Negrismo: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928 – 1984)* (2014), é um conceito que pode ser definido como “uma voz autoral externa à afrodescendência, explícita ou não no discurso, mas que se simpatiza com o universo deste coletivo” (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

Trata-se de um termo sobre o qual se tecem muitas problemáticas, tendo em vista a representação do coletivo negro por uma voz exterior à experiência negra, que se dá de inúmeras maneiras. Uma das maiores críticas a esse respeito é voltada aos trabalhos de Monteiro Lobato e a representação de Tia Anastácia, única personagem negra do universo do Sítio do Picapau Amarelo que é marcada pelo estereótipo típico de uma sociedade racista.

Entendemos, no entanto, que a representação negra a partir do olhar de fora também modifica o campo literário e abre espaço para algumas reflexões acerca, até mesmo, da validade dessas representações. Tendo em vista que, embora, o sujeito autor não faça parte dessa alteridade, sua temática o faz. Logo, não podemos falar de desconstrução do campo sob um olhar de autoria, mas o podemos sob a perspectiva de representação do sujeito negro como protagonista da história literária.

Cabe-nos, portanto, partir da definição que norteia todas as nossas colocações. Pierre Bourdieu, em seu livro *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico* (1997), apresenta-nos uma noção deveras necessária a essa discussão, trata-se da definição de campo:

(...) para compreender uma produção cultural (literatura, ciência, etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação entre texto e contexto. (...) existe um universo intermediário (...) no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. (...) A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias (BOURDIEU, 1997, p. 20).

Do ponto de vista das relações internas que ocorrem no campo, podemos afirmar que todo campo é um campo de lutas, seja para conservar ou transformar as forças vigentes. Nenhum de seus integrantes atua de forma neutra e a dominação e o espaço são questões que estão sempre em jogo. Uma das ferramentas fundamentais que serve

como subsídio para as ações dentro do campo é o que Bourdieu denomina como capital. O poder e o lugar de fala de um sujeito são garantidos por meio da manutenção e/ou troca dos capitais, os quais podem ser financeiros, simbólicos, sociais, etc.

As estruturas do campo são quem determinam o discurso do sujeito e o sujeito dominante determina a estrutura do campo. Isso significa, então, que compreendemos um agente do campo se soubermos de onde esse agente fala, ou seja, sob qual estrutura de poder. Tal estrutura é “determinada pela distribuição do capital em um dado momento. [...]os agentes [...]determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço (BOURDIEU, 1997, p. 24). À vista disso, o campo literário não é senão outra coisa que uma construção, os agentes dominantes nele inseridos fazem não só os fatos científicos, mas o próprio campo, a partir do lugar que ocupam.

Bourdieu (1997) aponta que os agentes de um campo o analisam sob o seu ponto de vista, vendo-o como o único possível, e não consideram a existência de outros pontos de vista que podem fazer parte desse mesmo campo. No entanto, apenas uma perspectiva, que devemos dizer ser, na maioria das vezes, reducionista e autoritária, não constitui o campo, isto é, não consegue captar a sua totalidade, uma vez que está presa a apenas uma parte dele. É nessa perspectiva que se configura uma crítica a manutenção do cânone. Não se trata de desqualificar as vozes merecidamente consagradas da literatura brasileira, mas de se perguntar quais são as outras vozes que permeiam esse universo, mas não dispõem dos capitais necessários para se legitimarem nele.

Pensar toda essa teoria e discutir todas essas hipóteses ainda são medidas que configuram um caráter de exceção. Bourdieu (2004) afirma que os campos científicos são universos de exceção, isto é, a teoria que é desenvolvida por eles, o pensamento crítico e a proposta de solução para todos os problemas, estão demasiadamente longe da realidade da vivência das pessoas comuns. Tudo isso é um obstáculo a promoção de qualquer mudança no campo, pois não basta que as colocações sejam feitas, elas precisam ser legitimadas interna e externamente do campo literário.

Podemos, sob a luz do acima dito, considerar que propor qualquer alteração no campo não é uma tarefa simplória. Conhecer, entretanto, seus modos de funcionamento faz com que possamos entrar no jogo cientes de suas regras, o que configura um passo à frente. Nessa perspectiva, Bourdieu em seu livro *As regras da arte: gênese e estrutura do*

campo literário (1992) propõe discorrer especificamente sobre as regras que estão dispostas no fazer literário.

O campo literário é um campo de produção de cultura. Sua análise deve basear-se na sua posição no campo macroestrutural (científico) e sua evolução dentro dele. Como tal, pressupõe três características principais: sua posição depende de a qual outro campo ele está sendo relacionado; às disputas internas baseiam-se na concorrência por legitimidade; e o *habitus*³ dos ocupantes desse campo determina o quanto ele vai estar ou não aberto a atualizações. É com enfoque nessas características que analisaremos a ascensão da literatura infantojuvenil dentro desse espaço.

Antes de qualquer coisa, faz-se necessário analisarmos a seguinte premissa: o que é literatura infantojuvenil? Ou quais foram os últimos pressupostos que a definiram? Em um primeiro momento, é importante esclarecermos que trabalhamos com os conceitos literatura infantil e literatura infantojuvenil, entendendo-os como termos intercambiáveis, uma vez que, para fins deste trabalho, não cabe estabelecermos possíveis diferenças, já que nosso enfoque não baseia-se no público alvo, nem tampouco no percurso histórico, mas no espaço literário e acadêmico contemporâneo que tal vertente literária possui.

Falar de literatura infantil pressupõe uma contextualização, pois o termo ainda não alcançou a singularidade das literaturas canônicas, sendo quase que necessária sua definição. Contudo, antes de definir literatura infantil, precisamos discorrer sobre o que é literatura. Para Peter Hunt (2010), estudioso britânico com enfoque na crítica literária, especialmente de literatura infantil, tradicionalmente, considera-se literatura textos mais elevados, mais densos, à parte de outros textos, “o melhor que uma cultura pode oferecer” (HUNT, 2010, p. 83).

Partindo dessa definição, podemos pressupor a existência de um cânone na literatura. É este cânone que define quais serão os textos tidos como literários e aqueles que estão a parte dessa definição. Podemos implicar também que tais cânones, num nível contextual, consagraram autores de renome por suas características eruditas de escrita e estilo peculiar, e tais autores também atuam no sentido contextual para manterem o campo em funcionamento, bem como sua seleção.

³ *Habitus* é um conceito adotado por Bourdieu que se refere a maneiras de ser permanentes e duráveis condicionadas de acordo com a história, cultura e inserção social de cada agente.

O que se quer dizer é que a existência de um campo científico de produção cultural já pressupõe uma série de jogos e regras que determinam quem entra e sai desse campo e, nesse sentido, cerceada pela crítica, a literatura infantil não se relacionaria com este universo literário. Isso porque, partindo da definição de Hunt (2010), citada anteriormente, a literatura seria textos elevados, mais densos. Como podemos enquadrar textos feitos por e para as crianças neste perfil?

Do ponto de vista acadêmico, a literatura infantil até pouco tempo não era devidamente reconhecida, logo, impossibilitada de atuar nesse campo. Muito dessa restrição está relacionada ao caráter pedagógico e moralizante intrínseco em muitas obras que foram consideradas literatura infantil em suas concepções. No entanto, há uma controvérsia acerca do caráter de literatura dessa vertente, pois os textos para as crianças deviam ser edificantes ou ser dotados de literalidade e valores estéticos como os para adultos?

A literatura infantil, então, surge como uma resposta ao próprio conceito de criança, que, até então, não existia como o vemos hoje. Como surge num cenário profundo de mudanças sociais ocasionadas pelo desenvolvimento industrial e a urbanização, a criação de objetos voltados para esse novo público era natural. Assim como também é natural que dela se apropriassem as características disciplinares da época (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007).

Trata-se, então, de um objeto externo, que advém de uma história que passou por singulares transformações, portanto, com uma dificuldade ainda maior para sobreviver e manter-se dentro do jogo dos campos. Segundo Bourdieu (1997), para aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem (nesse caso, o campo literário), as disposições que não são aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre deslocados, com todas as consequências que tal deslocamento possa acarretar.

Peter Hunt afirma que “as definições de literatura podem ser convenientemente separadas em características, normas culturais e segundo os usos que os indivíduos dão ao texto. (...) mas é o contexto cultural que determina sua classificação” (2010, p. 84). A partir de tal colocação entendemos que é impossível que em uma cultura em que as crianças não são valorizadas como potenciais leitores, que a literatura direcionada a elas

tenha algum tipo de valor. Pois, embora características e normas definam literatura, é a tradição cultural que a legitima. Em termos formais podemos definir a literatura infantil como: “livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças” (HUNT, 2010, p. 96).

Quando falamos em literatura infantil de cunho negrista, estamos falando, então, de um fazer literário que ocupa duas vezes o lugar de alteridade, primeiro quando destina-se às crianças, depois quando a temática volta-se para a representação afro-brasileira e africana. Em todos esses aspectos reside sua ainda dificuldade em adaptar-se às regras do campo.

Como resultado de todo esse percurso, em sua tentativa de ascensão e inserção, a literatura infantil de representação negra, uma vez inserida no campo, depara-se com outra dificuldade: fazer-se reconhecida nele, em outras palavras, adquirir capital. O “status” dessa literatura considerada inferior impede que ela seja vista como potencial. Segundo Bourdieu (1997):

(...) os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, isto é, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre as quais eles vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, ‘compensar’, determinando uma concentração de esforços de pesquisa (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Nessa perspectiva, podemos perceber que a recente e pontual inserção dessa literatura é resultado de uma série de colocações propostas por Bourdieu. O campo literário define-se basicamente pela relação que ele estabelece com outros campos, logo, a literatura infantil só começa a ganhar espaço quando estabelecida a relação entre campo literário e campo científico. É na Academia que acontecem os primeiros movimentos legitimadores.

Ademais, a mudança no habitus social que vem ocorrendo em nossa sociedade foi fundamental para que isso acontecesse. O reconhecimento da alteridade como objeto de estudo foi um ato progressivo que, aos poucos, deformou o campo científico e também o literário, principalmente, com a crescente expansão dos mercados de nicho que visam posicionarem-se como resistência frente aos mercados dominantes. Foi nesse sentido de

estabelecer-se como resistência que a literatura infantil negrista ganhou um enfoque ainda mais peculiar.

Vincular a literatura infantil à temática negrista é o mesmo que promover novas possibilidades de desconstrução, neste caso específico, especialmente, dos estereótipos raciais. Para Bourdieu, “aquilo que se defronta no campo são construções sociais concorrentes, representações” (1997, p. 33). A partir dessa colocação, podemos propor que representamos o mundo por meio de um lugar cultural. Logo, nenhuma representação é neutra - assim como nenhuma atuação no campo - pois abarca em si sentidos socialmente construídos. Tais sentidos resultam tanto da nossa própria identidade como da identidade que construímos acerca das coisas e das pessoas que nos rodeiam.

Promover, então, a disseminação de conceitos como raça e alteridade é dar espaço para a diferença. Segundo Stuart Hall, em seu livro *Cultura e Representação* (2016), a marcação da diferença é a base da ordem simbólica que chamamos de cultura; logo, ao fazê-lo, a literatura infantil coloca em evidência uma cultura diferente daquela dominante. Peter Hunt (2010) também confirma a proposição ao afirmar que uma sociedade em que a literatura infantil não tenha lugar de destaque é uma sociedade que negligencia todas as produções literárias e culturais que chegam a esses pequenos leitores, não se atentando ao fato de que eles serão, inevitavelmente, os próximos agentes do campo.

Não podemos mais pensar em um campo neutro, e sim em um campo de escolhas. Por mais que a estrutura se apresente inalterada, as camadas inferiores pertencentes a um campo não são de modo algum alheias a toda essa logística estrutural. Embora elementos novos encontrem uma série de barreiras, é crucial resistir e, em vez de submeter suas disposições às estruturas, tentar modificar as estruturas em razão de suas disposições, para confirmá-las às suas disposições. A teoria do campo, então, auxilia-nos na desconstrução de noções prévias que constituem a sociedade cotidiana dos agentes em concorrência, o que, para Bourdieu (1997, p. 66), é um primeiro passo para uma espécie de “liberação coletiva”, isto é, para um lugar em que não apenas um ponto de vista seja levado em consideração.

Dessa forma, fica claro que as políticas científicas de determinado campo devem ser condizentes com a totalidade do campo. Bourdieu (1997, p. 65), a respeito disso,

coloca que “apenas uma reflexão coletiva (...) poderia conduzir a essa espécie de conversão que é a condição de uma verdadeira atualização”. O que significa dizer que todos os membros do campo, com suas diferentes tomadas de posição, precisam se reunir para construir o fazer político, para pensar coletivamente os problemas em comum que os dividem e os opõem.

Nesse sentido, longe de levantar respostas, a proposta deste trabalho é de apresentar uma visão, ainda que breve, das estruturas do campo científico e de como o campo literário funciona quando relacionado a ele. Entendendo que, uma vez que as regras do campo estejam claras, remodelá-lo se torna uma tarefa possível. Ademais, buscamos apresentar como tal campo cerceia ou favorece uma vertente literária de acordo com sua organização. Uma vez que expomos a necessidade e a importância de que a literatura infantil de representação negra deforme esse campo, cabe-nos agora pensar quais caminhos são necessários trilhar para que a alteridade, não somente no seu viés negrista, mas também na atuação dos agentes negros, seja parcela significativa dentro dos campos de poder.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: Apicuri, 2016.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. *Negrismo: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928 – 1984)*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.